

Deus é Luz

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

“E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5).

É quase tautológico dizer que o que Deus é, determina as condições de comunhão. Naturalmente, se temos algo em comum com Deus, Deus a tinha antes de nascermos. Ou, melhor, Deus era ela. Entre as muitas coisas que se pode dizer que Deus é, João escolhe dizer que Deus é luz. Essa importante porção de teologia é o “que dele ouvimos”. O último *dele* mencionado na introdução era “seu Filho Jesus Cristo”. O fato de que essas palavras precisas não foram registradas no Evangelho como um dos ditos de Jesus não milita contra a atenção aqui. Se não essas palavras, pelo menos declarações sobre Jesus como a luz ocorrem em João 1:4 (aqui relacionada com vida), em 8:12, 11:9-10, 12:46 e em outro lugares.

A questão agora é: O que se quer dizer pelo termo *luz*? Se onipotência ou onisciência são predicados de Deus, a maioria das pessoas pensa entender. Mas a linguagem metafórica é sempre confusa. Lembre-se como até mesmo os discípulos, para não mencionar as multidões, falharam em entender as parábolas de Jesus. A dificuldade com as figuras de linguagem é aquela que objetos figurados têm muitas qualidades e é frequentemente difícil determinar o que constitui a semelhança. Para usar um exemplo extremo, mas aplicável, a luz viaja a uma velocidade de 186.000 milhas por segundo; mas Deus não leva oito minutos para ir da Terra ao Sol. A luz através de um prisma produz um arco-íris; mas Deus não é vermelho nem azul. Certamente, esses são exemplos ridículos; mas eles mostram que há muitas qualidades no símbolo, das quais devemos escolher uma. Frequentemente é difícil saber qual escolher. De fato, nesse exemplo da luz, é difícil ver algo para escolher. Considere por um momento algumas outras metáforas bíblicas. Isaías 7:2 diz que o coração da Síria foi movido, assim como se movem as árvores do bosque com o vento. Aqui é claro que a mente de um rei da Síria foi mudada de alguma forma; mas a analogia das árvores no bosque não explica como. Em outras passagens a parte literal da comparação está ausente e a dificuldade é ainda maior. Dezesesseis versículos adiante, Isaías diz que o Senhor assobiará às moscas que estão no extremo de um rio distante. O que isso significa? Um dos exemplos extremos é a visão de cores, animais, asas e rodas em Ezequiel. Algumas metáforas, contudo, não são deixadas tão sem explicação, e outras passagens escriturísticas nos dão alguma “luz” sobre a declaração “Deus é luz”.

A última sentença mostra que a figura de *luz* é comum no português ordinário. Mas essa própria familiaridade pode causar confusão, visto que a figura parece significar várias coisas. Mesmo na filosofia, como distinta da linguagem do dia-a-dia, a luz é uma figura comum, com diferentes significados. Para Heráclito e os estóicos a substância do mundo era a luz, ou pelo menos o fogo. A teoria da

emanação de Plotino é baseada ou explicada por um ponto central de luz, os raios da qual diminuem em intensidade a medida que recuam. Aparte da filosofia grega pagã, o gnosticismo no segundo século, um movimento religioso que roubou vários termos cristãos (por exemplo, verdade, vida, igreja, sabedoria, Cristo), também falava de luz. Mas devemos supor que a Bíblia usa a metáfora no mesmo sentido?

Para penetrar, se possível, no simbolismo bíblico, uma pessoa deve estudar a Bíblia. Primeiro, o Antigo Testamento. Salmo 4:6 diz: “SENHOR, levanta sobre nós a luz do teu rosto”. Aqui luz simboliza qualquer um dos favores de Deus. Paz, sono e segurança são mencionados no contexto. Salmo 27:1 é um versículo bem conhecido: “O SENHOR é a minha luz e a minha salvação”. Segurança dos inimigos é o que está principalmente em mente aqui. Salmo 36:9: “Na tua luz, veremos a luz” (ARC). Santo Agostinho usou esse versículo para ensinar que Deus é a fonte de todo conhecimento. Isso pode não ser muito claro no contexto imediato; mas possivelmente outras passagens apoiariam a interpretação de Agostinho. Tal apoio aparecerá em breve. Salmo 43:3 diz: “Envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem”. Ninguém pode manter racionalmente que a palavra *e* conecta dois pensamentos diferentes aqui. Os substantivos *luz* e *verdade* estão em aposição. O termo *verdade* explica o que o termo *luz* significa. Nem todos os versículos são tão claros. Salmo 97:11 diz: “A luz semeia-se para o justo” (ARC). O significado é obscuro, mas pelo menos podemos dizer que luz e justiça estão relacionadas; mas se relacionadas, não são idênticas. Então, há o “dito confortável” de Isaías 9:2: “O povo que andava em trevas viu grande luz”. Isso parece indicar o resgate deles da morte. Mas o contexto não identifica o que a luz é. O mesmo profeta (60:1) também diz: “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz” (ARC). Uma leitura alternativa é: “Levanta-se, seja iluminado”. Isso é contrastado com as trevas do povo. Todavia, dessas trevas os “gentios veriam uma grande luz”. Isso começa a parecer como se a luz fosse a luz da verdade, a luz do evangelho; e as trevas fossem o paganismo. Isso não diz precisamente que Deus é luz. Todavia, pode significar isso, pois no versículo 19 ele adiciona: “o SENHOR será a tua luz perpétua”, cujas palavras são também repetidas no versículo seguinte.

O Salmo 19:8 não usa a palavra *luz*, mas ele diz que os mandamentos de Deus iluminam os olhos. Obviamente, a palavra *olhos* é um símbolo para *mente* e *entendimento*. Veja também 119:105, 130. Nesse último versículo, *palavras* dão luz. Provérbios 6:23 diz: “A lei é luz”. *Luz*, portanto, é uma figura de linguagem que significa *informação* da parte de Deus. A informação, necessariamente, é uma parte¹ da mente de Deus.

Já é o suficiente sobre o Antigo Testamento!

¹ O termo *parte* deve ser usado, embora Deus seja “sem partes e paixões”. A razão é que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, não é uma unidade simples como o de Plotino – superior à Mente Divina. Nós falamos dos decretos de Deus, embora o decreto eterno seja um só. Mas ele é uma unidade complexa. Nós falamos das três Pessoas, mas de um Deus. Por conseguinte, se Deus sabe que Abraão viveu após Noé, e que Paulo viajou para Roma, podemos e devemos falar de verdades ou proposições diferentes na mente de Deus. A unidade das proposições consiste nelas serem um sistema simples.

Alguns versículos do Novo Testamento já foram mencionados. A vida que estava em Jesus era a luz dos homens; essa luz ilumina todo homem que vem ao mundo. Alguns comentaristas enfatizam a construção gramatical e a ordem das palavras para fazê-la dizer: essa luz vindo ao mundo ilumina todo homem. Mas primeiro, observe que essa interpretação não pode se livrar de “todo homem”. Segundo, se Cristo ilumina todo homem, incluindo Caim bem como Abel, a referência não pode ser à encarnação de Cristo. A iluminação estava em operação durante todo o Antigo Testamento. Por conseguinte, a interpretação deve ser rejeitada. Santo Agostinho usou esse versículo para basear todo conhecimento, até mesmo o conhecimento que o réprobo tem, sobre Cristo. E o tema é ainda mais claro aqui do que em Isaías. A leitura do *De Magistro* de Agostinho, especialmente a segunda parte, é certamente obrigatória.

Admitidamente, o conhecimento do réprobo não lhes faz muito bem. “E a condenação [deles] é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (João 3:19, ARC). Uma vez mais, essa *vinda* não é a encarnação, pois a condenação se aplica também às pessoas que viveram antes do dilúvio. Talvez não devêssemos pular João 8:12 e 12:35,36, mas algum espaço deve ser reservado para as Epístolas. 2 Coríntios 4:3,4 é um versículo muito importante: “Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste mundo cegou as mentes [*noemata* = pensamentos] dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Que isso seja enfatizado: a luz é o evangelho, as boas novas, uma certa quantia de informação a ser entendida. O deus deste mundo dá aos seus escravos falsos pensamentos – *noemata* – enquanto que as boas novas de Cristo são verdadeiras. Essa mensagem, como o próximo versículo diz, é algo a ser pregado. E o versículo seguinte usa as palavras “a luz do conhecimento [*gnosis*] de Deus”. Agora podemos retornar à Primeira João e ver que a luz é a mensagem que ele pregaria na Epístola. Deus é luz porque ele é verdade. A mensagem é parte da própria mente de Deus. E nele não há erro ou falsidade, de forma alguma.

John Cotton ajuda-nos a deixar isso mais claro:

Luz... está para com conhecimento (Mateus 4:16; Eclesiastes 2:13). Por conseguinte, ministros que têm conhecimento são chamados de luz (Mateus 5:14; Romanos 2:19)... A luz deles é a sua doutrina e a sua vida santa... Deus... é dito ser luz porque ele nos fez assim; homens de conhecimento, espalhando as trevas da ignorância (Salmo 91:10)... Por conseguinte, na nossa primeira criação, a imagem de Deus consistia no conhecimento (Colossenses 3:10) e santidade (Efésios 4:24)... Deus é essencialmente conhecimento, e assim, sua santidade é ele mesmo (p. 35).²

² Se algum leitor pensa que essas considerações sobre as metáforas vão longe demais, denigrem a beleza literária, e exaltam os ossos secos e desagradáveis [ao paladar] da declaração literal, a réplica não precisa depender da refutação do antigo método de interpretação alegórica, mas pode ser exemplificada citando-se um comentarista moderno: “A entrada de luz, que é ela mesma real, espalha realidade por todas as direções. Nuvens e sombras são irrealis; elas geram e estimulam irrealidades. A luz é a verdade desnuda...”

A primeira Epístola de João faz um contraste rigoroso entre verdade e erro, justiça e pecado, luz e trevas. O material é controverso e polêmico. Alguns sugerem que o objeto do seu ataque é Cerinthus, um antigo herege que negava a encarnação. Isso pode possivelmente ter acontecido. João e Cerinthus foram num sentido contemporâneos. Pelo menos é provável que ambos estivessem vivos durante um certo e mesmo período. Mas ainda mais provável é que Cerinthus era muito mais jovem do que João. Alguns estudiosos ousam datá-lo no segundo século. É também dificilmente provável que João e Cerinthus se encontraram, supostamente em Éfeso. Mas a evidência é menos do que convincente, e é o mais antigo quem escreve a Epístola, sendo, portanto, ainda menos provável que João o tivesse em mente ao escrevê-la. Mas de qualquer forma, a Epístola ataca alguns dos temas que Cerinthus ensinou mais tarde.

O tipo de escrita de João é amplamente condenado hoje, na maioria dos círculos eclesiásticos. Polêmica é algo grosseiro. Somos todos irmãos nessa grande fraternidade, os Cavaleiros místicos do Oceano. O ecumenismo tem pouca consideração para com a verdade. A ainda mais liberal neo-ortodoxia, ou pelo menos mais irracional, definitivamente não tem nenhuma verdade. A religião é um encontro não-intelectual, no qual 2.000 anos de tempo desaparecem misteriosamente, e nos tornamos contemporâneos de Cristo. Não somente são todas essas idéias permissíveis na teologia; a permissividade permite também que os homossexuais sejam ordenados ao ministério e que o assassinato de infantes não-nascidos seja ignorado. Se João enfatizasse suas polêmicas hoje, ele seria sem dúvida fervido em óleo por uma segunda vez. Umhas poucas denominações, embora algumas delas também estejam se deteriorando, continuam a crer que Deus é a verdade e o erro é pecado. Isso é como João ensinou e escreveu. Ele começa com “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”.

Fonte: *First John*, Gordon Clark, Trinity Foundation, páginas 27-30.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31 de Agosto de 1902 – 09 de Abril de 1985) foi um filósofo e teólogo calvinista americano. Ele foi o primeiro defensor da idéia de apologética pressuposicional e foi Presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Era um especialista em filosofia pré-socrática e antiga, e ficou conhecido por seu rigor ao defender o realismo Platônico contra todas as formas de empirismo, por argumentar que toda verdade é proposicional e por aplicar as leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo.com*.

Ela não é vista porque ela é muito pura”. Certamente, para ser um bom cristão, não é necessário comer as ervilhas de alguém com a faca.